

Vol 18, Núm 2, jul-dez, 2025, pág. 456-466

***Bullying: reflexões para a prática da/o psicóloga/o escolar***

***Bullying: reflections for the practice of school psychologists***

***Bullying: réflexions pour la pratique des psychologues scolaires***

**Pedro Alencar Cabral Ribeiro<sup>1</sup>**

**RESUMO**

O *bullying* é um fenômeno violento, social, multifacetado que prejudica a saúde mental de crianças e adolescentes em todo o mundo, ocorrendo principalmente em ambiente escolar. O presente estudo, por meio de revisão narrativa da literatura não sistemática, teve como objetivo abordar a temática *bullying* e relacioná-la com a área da psicologia, psicologia escolar/educacional e saúde mental, destacando as suas consequências para a saúde psíquica infanto-juvenil, além de refletir a prática do profissional de psicologia escolar relacionada à prevenção e ao enfrentamento do *bullying*. Sabe-se que a(o) psicóloga(o) no contexto escolar deve possuir entre outras atribuições, o trabalho com a inclusão e a superação das violências no meio educacional. Dessa forma, esta revisão não utilizou critérios sistemáticos da literatura em sua análise. No entanto, verificou-se a partir de estudos que o *bullying* afeta negativamente a saúde mental dos estudantes, haja vista que pode causar dificuldades de aprendizagem, aumento da ansiedade, baixa autoestima, problemas na socialização, fobia escolar, evasão escolar, depressão e até suicídio, se não houver um trabalho preventivo e assistencial relacionado ao mesmo.

**Palavras-chave:** *Bullying*; psicologia escolar; saúde mental.

**ABSTRACT**

Bullying is a violent, social, and multifaceted phenomenon that harms the mental health of children and adolescents worldwide, and occurs mainly in schools. This study, through a narrative review of non-systematic literature, aimed to address the issue of bullying and relate it to the areas of psychology, school/educational psychology, and mental health, highlighting its consequences for children and adolescents' mental health, in addition to reflecting on the practice of school psychology professionals related to the prevention and confrontation of bullying. It is known that the psychologist in the school context must have, among other attributions, the work with inclusion and overcoming violence in the educational environment. Therefore, this review did not use systematic criteria from the literature in its analysis. However, studies have shown that bullying negatively affects students' mental health, as it can cause learning difficulties, increased anxiety, low self-esteem, problems with socialization, school phobia, school dropout, depression and even suicide, if there is no preventive and assistance work related to it.

<sup>1</sup> Graduado em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), especialista em Saúde Mental pela Universidade Regional do Cariri (URCA) e pós-graduando em Psicologia da Educação pelo Centro de Estudos em Especialização e Extensão (CENES), atuou na área de Psicologia Escolar de 2019 a 2023. E-mail: [alencarpsi@gmail.com](mailto:alencarpsi@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-8027-5198>

**Keywords:** Bullying; school psychology; mental health.

## RÉSUMÉ

Le harcèlement est un phénomène violent, social et multiforme qui nuit à la santé mentale des enfants et des adolescents du monde entier et se produit principalement en milieu scolaire. Cette étude, par le biais d'une revue narrative de la littérature non systématique, visait à aborder la question du harcèlement et à la relier aux domaines de la psychologie, de la psychologie scolaire et de la santé mentale, en soulignant ses conséquences sur la santé mentale des enfants et des adolescents. Elle s'est également penchée sur la pratique des psychologues scolaires en matière de prévention et de lutte contre le harcèlement. Il est reconnu que le psychologue en milieu scolaire doit, entre autres, travailler sur l'inclusion et la lutte contre la violence en milieu éducatif. Par conséquent, cette revue n'a pas utilisé de critères systématiques tirés de la littérature pour son analyse. Cependant, des études ont montré que le harcèlement affecte négativement la santé mentale des élèves, car il peut entraîner des difficultés d'apprentissage, une anxiété accrue, une faible estime de soi, des problèmes de socialisation, une phobie scolaire, le décrochage scolaire, la dépression et même le suicide en l'absence de mesures de prévention et de soutien.

**Mots-clés :** Harcèlement; psychologie scolaire; santé mentale.

Apesar de o humano ser, por excelência, gregário e ter necessidade dos outros para existir, desde a antiguidade, ele precisou guerrear para sobreviver. Logo, compreende-se que a violência é histórica, tão antiga quanto a sociedade, capaz de criar e modificar as estruturas, os cenários e os cotidianos de diferentes formas em diversas temporalidades (Bernaski; Sochodolak, 2018; Correia, 2006; Toro, 2002).

Na busca por entender a complexidade da agressividade, especialistas têm se debruçado sobre o tema, em especial porque a violência já é reconhecida como uma questão social e de saúde pública, atingindo não somente adultos. Crianças e adolescentes são parte importante da sociedade que sofre com atos de crueldade e opressão (Jampersa et al., 2024; Olweus, 1997; Regina; Peres, 2024).

Assim, estudos comprovam que a violência contra crianças e adolescentes abarca vários contextos, é multifacetada e influenciada por distintos fatores e variáveis. É tão naturalizada nas sociedades, que muitas vezes, o agressor é uma pessoa de confiança da vítima (Depret et al., 2025; Schraiber; D'oliveira; Couto, 2006).

A escola, depois do seio familiar, caracteriza-se como a segunda maior organização frequentada por crianças e adolescentes em todo o mundo. No entanto, ela não está assegurada de violações, e atos de violência também são percebidos em seu meio, sendo o *bullying*, uma violência bastante frequente nesse ambiente (Faleiros; Faleiros, 2007).

Com o crescente número de casos de *bullying* em todo o mundo, familiares de educandos e profissionais das Ciências Humanas e de saúde mental têm se preocupado nas últimas décadas, aumentando conseqüentemente, as pesquisas sobre internacionalmente (Francisco; Libório, 2009; Jampersa et al., 2024; Malta et al, 2010).

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo definir o termo *bullying* e diferenciá-lo de outras formas de violência, apresentar as conseqüências do mesmo para a saúde mental infanto-juvenil, além de refletir a prática do profissional de psicologia escolar relacionada à prevenção e ao enfrentamento do *bullying*, haja vista que entre suas atribuições devem estar o trabalho com a inclusão e a superação da violência no ambiente educacional (Conselho Federal de Psicologia, 2013). Assim, foi realizada uma pesquisa não sistemática ao longo de 2015, utilizando o indexador Google Acadêmico, e buscando termos como “*bullying*”, “escola”, “psicologia”, “psicologia escolar” e “saúde mental”, para identificar trabalhos que abordam esta temática sob o ponto de vista da psicologia escolar.

Embora o conceito *bullying* não tenha tradução para a língua portuguesa, este é um tipo específico de violência e, necessariamente, que para uma ação ser considerada *bullying*, deve seguir determinados critérios: a) acontecer entre pares de forma sistemática/repetitiva; b) em uma relação desigual de poder; c) e sem motivação evidente, o(s) algoz(es) tem a intenção de prejudicar, machucar ou ferir o outro (Zych, 2025).

Dan Olweus interessou-se pelo assunto ainda na década de 1970. Ele realizou pesquisas na Universidade de Bergan, na Noruega, após acontecerem três suicídios de estudantes, provavelmente influenciados pelo desrespeito dos colegas. Por se tratar de uma questão complexa, entrevistou 84 mil escolares, 400 professores e 1000 familiares para se aprofundar no tema (Santos; Paula, 2018).

Zych (2025) reitera que o *bullying* se caracteriza pela repetição de atos de agressão física (empurrar, bater, socar), virtual (envio de mensagens, vídeos/fotos editados através de dispositivos tecnológicos para humilhar ou zombar), verbal (apelidar pejorativamente, xingar) ou psicológica (humilhar, discriminar, rejeitar, intimidar). Para serem caracterizados como *bullying*, tais comportamentos isolados ou combinados, devem ocorrer sem motivação aparente e serem executados por um(a) ou vários(as) estudantes contra outro(a) que apresenta baixa autoestima e dificuldade de se defender.

Acrescenta-se que as principais vítimas de *bullying*, segundo estudo de Antunes e Zuin (2008) fazem parte de grupos vulneráveis: ciganos, artistas de circo, estrangeiros, obesos e acima do peso, os de baixa estatura, pessoas LGBTQIAPN+<sup>2</sup> e os/as filhos/as de homossexuais. Segundo os autores, esses são estatisticamente mais alvos de *bullying* do que crianças e jovens que se enquadram em determinado padrão estético, familiar, de gênero ou de classe social.

Silva, Vilela e Oliveira (2024) confirmam que na escola pública ou privada, os alunos de maior nível socioeconômico estão mais propensos a praticarem o *bullying*, enquanto os de menor nível estão mais inclinados a sofrerem com ele. Quanto ao gênero, observa-se que os meninos têm maior propensão ao envolvimento com o *bullying* do que as meninas, seja como vítima, agressor ou vítima-agressor. No quesito raça, o envolvimento com o *bullying* atravessa os grupos étnico-raciais em “múltiplos sentidos”.

Por sua vez, Chalita (2008) assume que este fenômeno é uma realidade inegável nas instituições de ensino brasileiras, ocorre tanto no nível fundamental como no médio, independentemente do turno de estudo, se a escola é pública ou privada, nas zonas urbana e rural. Sendo assim, o *bullying* está presente em variadas escolas e nos mais diversos grupos de alunos, reafirmando a sua complexidade e a importância de se criar diálogos acerca dele em toda a sociedade.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

---

<sup>2</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não Binária, e demais experiências que destoam das normas de gênero e sexualidade.

A escola, enquanto lugar de mediação entre o indivíduo e a sociedade, deve transmitir a cultura a partir de modelos sociais de comportamento e valores humanos. Nessa perspectiva, ela surge para que além da aprendizagem formal, estudantes apreendam princípios, saibam se relacionar, desenvolvam plenamente sua autonomia e expressem sua subjetividade de forma saudável (Bock, Furtado e Teixeira, 2008).

O trabalho do psicólogo, nesse contexto, pode começar pelo mapeamento da instituição, conhecendo como se estabelecem as relações entre os membros da escola, as famílias e a comunidade em que está inserida, compreendendo quais os conflitos existentes e as contradições institucionais que podem produzir situações de preconceito, violência e *bullying* (Marinho-Araújo, 2009).

Cotidianamente, inúmeros escolares são desrespeitados e sofrem com situações de *bullying* que se não forem acolhidos, desenvolverão déficits comportamentais e socioemocionais, afetando a sua saúde mental como: angústia, sentimentos negativos sobre si mesmo, problemas na socialização, dificuldades de aprendizagem, fobia escolar, evasão escolar, aumento do estresse, transtorno de ansiedade, depressão, ideações e tentativas de suicídio (Silva, 2022).

Conforme Amarante (2007), a saúde mental é dinâmica, complexa e representa um construto repleto de significados, na medida em que se aprofunda no estado psíquico dos indivíduos e perpassa por valores culturais, genéticos, subjetivos e ambientais. Bork e Mondisa (2022) completam que a saúde mental é tudo aquilo que se relaciona ao bem-estar emocional ou psicológico de uma pessoa.

Ainda que as vítimas sejam as principais prejudicadas em sua saúde mental, Francisco e Libório (2009) informam que se faz necessário ampliar o olhar, pois causadores de *bullying* também precisam de cuidado. Enquanto os sofrentes sentem uma “deterioração da sua autoestima e autoconceito”, os agressores são afetados com uma influência negativa de sua escala de valores.

Acrescenta-se que existem indícios de que crianças e adolescentes que já sofreram negligência, abuso sexual ou crueldade; ou vivem em um ambiente de

constante hostilidade, poderão aderir a práticas de violência e *bullying*, caso não recebam atenção adequada (Ferreira; Tavares, 2009).

É fundamental, portanto, que as escolas disponham de profissionais de psicologia que reflitam e mediatizem a construção de uma política *anti-bullying*, que colabore tanto com as vítimas quanto com os/as agressores/as, sem esquecer dos educadores, compreendendo que a atuação do psicólogo nesse contexto não é clínica, mas psicossocial e consiste na promoção do desenvolvimento socioemocional de todos os protagonistas do processo educacional (Del Prette e Del Prette, 1996).

Segundo Meira (2003), o psicólogo escolar deve possibilitar o acesso a conhecimentos psicológicos aos professores, pois amplia a visão de mundo destes e promove estratégias de entendimento e reflexões sobre temas relevantes que atravessam a realidade escolar.

Freire (2014) comunica que na opressão não existe evolução social, assim, é fundamental aprofundar o tema com os professores e orientá-los para que desenvolvam o olhar atento, o acolhimento, o diálogo e trabalhos em sala de aula sobre *bullying*, o respeito à dignidade e o convívio com os diferentes. Para isto, propiciar formações continuadas com os professores são essenciais, haja vista despreparo destes em lidar com tal realidade (Oliveira; Tognetta; Bomfim, 2023).

Luna et al. (2023) problematizam que professores que já enfrentaram o *bullying* tendem a ser mais empáticos com os alunos que passam por sofrimentos dessa ordem do que aqueles que outrora o praticavam. Logo, reitera-se que a elaboração de atividades sobre saúde mental e direitos humanos parecem adequadas para o alcance de uma escola mais humanizada e comprometida na sensibilização dos casos de *bullying* e violências.

Para Freire (2014), é por meio do encontro dialógico que ocorrem mudanças e avanços, sendo também competência do professor a construção de vínculos favoráveis no meio estudantil, não apenas conteúdos formais. Vale considerar que existe na legislação brasileira os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), estabelecidos pelo Ministério de Educação (MEC), que visam orientar o ensino de valores éticos, como a solidariedade, o repúdio às injustiças e o diálogo, com a intenção de formar cidadãos conscientes e autônomos (Brasil, 1997). Se cumpridas

efetivamente, tais diretrizes contribuiriam para a cultura da paz e superação de atos agressivos no interior e fora da escola.

Com relação aos aprendentes, Freire e Aires (2012) indicam que ações lúdicas utilizando teatro de bonecos, jogos interpretativos em que haja troca de papéis, apresentação de vídeos, seminários, rodas de conversa e cineclubes sobre valores humanos, convivência pacífica e comunicação assertiva podem ser desenvolvidos pelo psicólogo com a intenção de oferecer um maior entendimento sobre a temática, além de alertar a respeito das consequências do *bullying*.

O momento de mudanças culturais enfatiza a busca pelo respeito à diversidade, fazendo-se necessário esse diálogo desde o início da vida escolar. Assim, os/as estudantes precisam ser valorizados e convidados a participarem de campanhas anti-*bullying*, confeccionando cartazes, camisas, panfletos, debates, caminhadas, divulgação nas redes sociais que possam provocar atitudes reflexivas e um envolvimento emocional com a causa.

Oliveira & Dias (2024), concluem que a redução do *bullying* depende das relações de afeto que são produzidas em cada escola e do maior investimento na educação baseada em valores de cidadania: justiça, liberdade, paz, empatia, consciência, responsabilidade, colaboração e respeito.

Diante do observado, o trabalho do psicólogo escolar se faz essencial, uma vez que o seu papel está atrelado com a formação cidadã, visando a paz e o bem-estar social. Nesse sentido, é imprescindível que a escola se responsabilize por solucionar conflitos que foram gerados nela, embora compreendendo que as possibilidades de intervenção devam ser pensadas considerando a participação da família dos envolvidos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos achados do presente estudo e considerando os objetivos deste, comprova-se que o *bullying* é um fenômeno violento, social, multifacetado, que prejudica a saúde mental de crianças e adolescentes em todo o mundo, ocorrendo principalmente em ambiente escolar. Assim, a sua prevenção e redução

é parte fundamental da prática do profissional de psicologia escolar, pois este deve trabalhar com a superação da violência e a promoção da inclusão.

Vale acrescentar que o momento de mudanças culturais e de busca pelo respeito à diversidade se fazem necessários desde o início da vida escolar. Portanto, reitera-se a importância de uma educação baseada em valores humanos e a abertura para o diálogo como forma de obter relações mais satisfatórias na escola, minimizando situações de *bullying* e outras violências.

Portanto, psicólogos escolares devem buscar conhecer a origem do *bullying* e intervir na sua ação, objetivando reduzi-lo, visando criar um ambiente escolar mais saudável, ao mesmo tempo em que devem promover o diálogo, a escuta empática, o respeito mútuo, a orientação para a responsabilização, além de realizar formações continuadas para professores e o contato frequente com as famílias dos educandos.

## REFERÊNCIAS

- Amarante, P. (2007) Saúde mental e atenção psicossocial. SciELO-Editora FIOCRUZ.
- Antunes, D. C. & Zuin, A. A. S., Do *Bullying* ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, Brasil. *Psicologia e Sociedade*; v. 20, n. 1, p. 33-42, 2008.
- Bernaski J. & Sochodolak, H. (2018) História da violência e sociedade brasileira. *Oficina do Historiador*, v. 11, n. 1, p. 43-60, 2018.
- Bock, A. M. B., Furtado, O. & Teixeira, M. L. T. (2008) *Psicologias*: uma introdução ao estudo de psicologia. 14ª edição. Saraiva.
- Bork, S. J., & Mondisa, J. L. (2022) Engineering graduate students' mental health: A scoping literature review. *Journal of Engineering Education*, v. 111, n. 3, p. 665-702.
- Brasil. (1997) Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*: apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental. MEC/SEF.
- Chalita, G. (2008) *Pedagogia da amizade-bullying*: o sofrimento das vítimas e dos agressores. Gente.

Conselho Federal de Psicologia. (2013) *Referências técnicas para atuação de psicólogas (os) na educação básica*. Conselho Federal de Psicologia. CFP.

Correia, M. M. (2006). *Trabalhando com jogos cooperativos*. Papirus Editora.

Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (1996) Habilidades envolvidas na atuação do psicólogo escolar/educacional. In: Wechsler, S. (Org), *Psicologia: Pesquisa, Formação e Prática*, Alínea.

Depret, D. et al. (2025) Relação entre violências sofridas na infância e violência autoprovocada entre travestis e mulheres transexuais do estado do Rio de Janeiro 2019-2020. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 33, p. e2024337, 2025.

Faleiros, V. P. & Faleiros, E. S. (2007) Escola que protege: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes. Formas de violência. *A violência contra crianças e adolescentes e suas principais formas*. 1ª Edição. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.

Ferreira, J. M. & Tavares, H. M. (2009) Bullying no ambiente escolar. *Revista da Católica*, Uberlândia, v. 1, n. 2, p. 187-197, 2009.

Francisco, M. V. & Libório, R. M. C. (2009) Um estudo sobre bullying entre escolares do ensino fundamental. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 22, n. 2, p. 200-207.

Freire, A. N. & Aires, J. S. (2012) A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, SP. V. 16, n. 1, p. 55-60, Janeiro/Junho.

Freire, P. (2014) *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Editora Paz e terra.

Jampersa, L. et al. (2024) Prevalence of reported violence in children and adolescents in the clinical work of health professionals: a systematic review and meta-analysis. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 29.

Luna, G. L. M. et al. (2023) Crenças, autoeficácia e estratégias de professores diante do bullying. *Educ. Teoria Prática*, Rio Claro, v. 33, n. 66, e15.

Malta, D. C. et al. (2010) Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 15, p. 3065-3076.

Marinho-Araújo, C. M., & Almeida, S. F. C. (2008) *Psicologia Escolar: construção e consolidação da identidade profissional* (2a ed.). Alínea.

Meira, M. E. (2003) Construindo uma concepção crítica de Psicologia Escolar: contribuições da pedagogia histórico-crítica e da psicologia sócio-histórica. In: Mira,

M. E.; & Antunes, M. A. M. *Psicologia Escolar: teorias críticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Oliveira, D. L. C., & Dias, C. L. (2024) A escola como espaço para o desenvolvimento de valores éticos e morais na prevenção do cyberbullying no ensino fundamental II. *Schème: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas*, v. 16, n. 1, p. 199-241.

Oliveira, V. H. H.; Tognetta, L. R. P. & Bomfim, S. A. B. (2023) Quando quem ajuda já experimentou o sofrimento: a adesão aos valores morais de membros de equipes de ajuda que já foram vítimas de bullying. *Pedagógica: Revista do programa de Pós-graduação em Educação-PPGE*, n. 25, p. 3.

Olweus, D. (1997) Bully/victim problems in school: facts and intervention. *European Journal of Psychology of Education*, Hanover, v. 12, n. 4, p. 495-510.

Regina, F. L. & Peres, M. F. T. (2024) Intersetorialidade na Política Paulista de Prevenção das Mortes Violentas de Crianças e Adolescentes: uma análise da Lei nº 17.652/2023. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 40.

Santos, M. A. & Paula, E. M. A. T. (2018) A articulação entre violência escolar e o bullying na escola com hemofílicos: uma revisão de literatura: uma revisão de literatura. *Educação Online*, v. 13, n. 27, p. 113-129.

Schraiber, L. B.; D'Oliveira, A. F. P.L.; & Couto, M. T. (2006) Violência e saúde: estudos científicos recentes. *Revista de Saúde pública*, v. 40, p. 112-120.

Silva, C. S. E., Vilela, E. M., & Oliveira, V. C. D. (2024) Bullying nas escolas públicas e privadas: os efeitos de gênero, raça e nível socioeconômico. *Educação e Pesquisa*, v. 50.

Silva, M. V. R. (2022) Consequências do bullying na saúde mental dos adolescentes no contexto escolar: revisão narrativa. *Scientia Generalis*, v. 3, n. 1, p. 33–38.

Teixeira, G. (2007) Bullying e os transtornos comportamentais na infância e adolescência. Publicação da Residência em Psiquiatria da Infância e Adolescência Centro psíquico da adolescência e infância, Vol. 7 Núm. 13. *Revista de Psiquiatria e Psicanálise Crianças e Adolescentes*, v. 7, p. 32-34.

Toro, R. (2002) *Biodanza*. Ed. Olavobrás/EPB.

Zych, I. et al. (2025) Um estudo longitudinal sobre as relações de desenvolvimento intrapessoal entre bullying e cyberbullying com uso de substâncias em adolescentes. *Revisão de Serviços para Crianças e Jovens*, v. 168.

**Submetido: 25/05/2025**

**Aprovado: 26/06/2025**

**Publicado: 01/07/2025**



### ***Autor***

#### **Pedro Alencar Cabral Ribeiro**

Graduado em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), especialista em Saúde Mental pela Universidade Regional do Cariri (URCA) e pós-graduando em Psicologia da Educação pelo Centro de Estudos em Especialização e Extensão (CENES), atuou na área de Psicologia Escolar de 2019 a 2023. **E-mail:** [alencarpsi@gmail.com](mailto:alencarpsi@gmail.com) **Orcid:** <https://orcid.org/0009-0005-8027-5198>